



NÓS FOMOS ALGO DE
velo

por Isabela Leticia Lima

We are the Best (2013) agiu em mim como um verdadeiro bál-samo. Um toque de pureza depois de uma sucessão de filmes nórdicos que me deixaram em um estado de contemplação distante ou de, até mesmo, angústia e que persistiam em latejar em minha memória por dias a fio. Curiosamente, na própria trajetória do cineasta Lukas Moodysson, esse filme aparece como um parêntese de leveza em meio a um mar de produções densas. Depois de anos de experimentações e filmes excessivamente polêmicos, fase iniciada com o controverso *Lilja 4-ever* (2002) e se instaurando com o fracasso de público e crítica *A Hole In My Heart* (2004), em *We are the Best*, Moodysson redescobre seu senso de humor. Resgatando a comicidade de seus primeiros filmes como *Fucking Åmål* (1998) e *Together* (2000), constrói com delicadeza um *teen movie* permeado por inteligentes sátiras à sociedade.

O filme é um conto *punk*-feminista situado na Estocolmo de 1982 e assim como em *Together* (ambientado em uma comunidade hippie dos anos 70), traça-se um retrato da contracultura Sueca. Se instaurando com uma urgência do presente própria de causas da adolescência, o universo de Bobo, Klara e Hedvig evoca em nós uma sensação de reconhecimento ao utilizar-se do apelo nostálgico da temática juvenil. Época em que toda a confusão, vulnerabilidade e anarquia se afloram

e quando a menor das dores e a maior das alegrias transpassam a carne e são superadas com o passar de um fôlego. Um simples corte no dedo pode levar à mais profunda histeria. E apenas na amizade dos que ultrapassam juntos esse período existe a capacidade de conforto, pois são os únicos que entendem o caos dos seus sentimentos. E por essa universalidade, mesmo que não tenhamos vivido nesse contexto, separados por metade do globo e com um distanciamento de mais de uma década, ainda assim se instaura um cálido senso de empatia e uma saudade daquilo que nunca propriamente vivemos.

Unidas pelo *punk* essas três garotas passam por situações típicas da adolescência em uma jornada de descobrimento e cumplicidade. De modo descomplicado ressuscitam a bandeira desse movimento, que para o restante do mundo já estava em processo de decadência. O *punk* não se cala ao mostrar seu repúdio a todas as formas de fascismo, autoritarismo e sexismo, buscando a liberdade dos povos, raças e, em específico em *We are the Best*, mulheres. Esse movimento tem na juventude o auge de sua legitimidade, visto que é a ingenuidade dos jovens que torna mais palpável toda a esperança de uma revolução. E a cada grito de “O *punk* não está morto”, essas pequenas garotas defendem mais do que somente uma fase de rebeldia, mas também a luta por sua

própria libertação. Para elas, o *punk* surge como resposta às pequenas indignações cotidianas, antes mesmo de terem total maturidade para a compreensão das injustiças sofridas. Dispondo dessa percepção, reagem com o mais profundo revirar de olhos para as desigualdades, como ao serem colocadas em segundo plano e rotuladas de “banda de garotas”.

As personagens são constantemente desacreditadas pelos adultos a sua volta que são retratados como imaturos pela irritada perspectiva adolescente. A infantilização e brigas constantes dos pais de Klara; a procura insaciável por um amor pela autocentrada mãe de Bobo; e a insensata imposição das crenças da mãe de Hedvig, fazem com que formar uma banda seja um objetivo nobre e sensato. Elas vivem intensamente nesse lapso de tempo que é a adolescência, repudiando tudo aquilo que as figuras de autoridade representam. Negam a inevitabilidade do crescimento e a possibilidade de que serão as próximas a se tornar o que repudiam, como fez o outrora idolatrado irmão de Klara, que abandonou seus ideais e traiu o *punk* da forma mais vil - escutando Joy Division.

A primeira metade do filme marca o retorno de Moodysson à estética de suas obras de estreia, influenciadas pelo Dogma. No início a câmera é orgânica e transita com olhos rápidos pelas personagens.

Porém, ao longo da narrativa essa rapidez se dilui e os planos passam a carregar uma força contemplativa que acompanha o desenvolvimento das protagonistas e a construção da sua amizade. Através do olhar de Bobo, os conflitos internos se instauram, pois vemos crescer sua fragilidade e senso de inferioridade em relação a Klara. O potente plano no terraço frio e vazio após o tão desejado garoto não a escolher, ecoa a todas as decepções que já tivemos. Naquele momento sentimos sua dor pura e dilacerante, mesmo tendo ciência de que em alguns dias tudo será esquecido como se anos tivessem passado.

We are the Best é um simples filme sobre três garotas que buscam formar uma banda *punk*. A vida pode não ser sempre justa pelo olhar adolescente das protagonistas, mas no seu protesto elas alcançam a real forma de exultação. E em meio a gritos e vaias no esperado concerto de Natal, traduzem o espírito da anarquia *punk* em uma cena de estranha pureza. E para elas não importou a magnitude do problema (odiar esportes por exemplo), ou se o mundo lhes desacreditava, pois no fim, por um breve instante, elas foram as melhores.

